

MORTE SEM FIM
de Hugo Canoilas

com concerto de Filipe Felizardo e banda sonora de Sonja
Negrais, 16 de Julho das 15h às 21h

Evento no âmbito do projeto Debaixo do Vulcão, MNAC/SONAE Art Cycles, durante a Festa de
Negrais em Honra de N^a S^a de Fátima

MORTE SEM FIM

HUGO CANOILAS

com concerto de **FILIFE FELIZARDO** e
banda sonora de **SONJA**

**MNAC – Museu do Chiado na
FESTA de NEGRAIS**

16 de JULHO das 15h às 21h

Debaixo do Vulcão — projeto MNAC/Sonae Art Cycles 2016

Local: Pedreira amarela com entradas assinaladas na rua principal na vila de Negrais. 38°52'19.6"N 9°16'18.7"W

Transporte gratuito mediante marcação prévia e sujeito ao limite de lugares disponíveis, de Lisboa para Negrais e regresso a Lisboa.

Marcações até 6^a feira 15 Julho às 14h. Marcações através do email: mnacchiado@gmail.com ou do telefone 21 3432148

Local de partidas e regresso: Rua Capelo 13, Chiado (à entrada do MNAC – Museu do Chiado)

Horário de partidas de Lisboa: 15h / 16h30 / 18h **Horário de partidas de Negrais:** 17h / 19h / 21h

Serviço de informação disponível durante o dia 16 de Julho com o telefone 935702970



Morte sem fim é a primeira iniciativa pública do projeto *Debaixo do Vulcão* de Hugo Canoilas que será apresentado no Museu Nacional de Arte Contemporânea- Museu do Chiado (MNAC-MC) para a 2ª edição do MNAC/SONAE Art Cycles de 18 de Novembro de 2016 (inauguração) a 26 de Março de 2017.

Enquanto proposta, *Debaixo do Vulcão* é um projeto artístico onde o artista tenta criar um espaço entre a ideia de filme e exposição através de uma série de intervenções a decorrer dentro e fora do Museu. Concebidos de modo a problematizar noções várias de exposição, espaço institucional e intervenção pública, os vários fragmentos que resultarão deste processo de intervenções serão depois reunidos no MNAC-MC enquanto dispositivo expositivo e onde a sua integração, com uma série de outros elementos, propõe um repensar da experiência contemporânea de noções de espaço, tempo e recepção.

No dia 16 de Julho, a pintura panorâmica de 100 metros, *Endless Killing* (2008), será instalada numa pedreira de pedra amarela localizada a 500 metros do centro da vila de Negrais. Esta instalação especial serve como convite a visitar o local onde decorrerão filmagens que farão parte de um dos filmes a serem expostos em Novembro. Este momento será também uma oportunidade de conhecer a obra *Endless Killing*.

Esta obra de escala imponente, uma interpretação da história da violência construída através da própria história da pintura, foi realizada e apresentada pelo artista pela primeira vez no Centro de Arte Contemporâneo Huarte em Espanha. Dado a sua origem remontar a esse outro contexto, ao ser exposta como cenário para a filmagem durante a Festa de Negrais e passar a incorporar o local e os espectadores, a obra ficará sujeita a uma reformulação do seu sentido. Esta transformação da obra, do evento e do público em parte integrante das filmagens reformula também a relação entre espectadores passivos e ativos, entre agentes receptores e agentes formadores de experiência.

Morte sem fim irá ainda contar com uma presença musical, com um concerto de Filipe Felizardo e a banda sonora de Sonja. O material musical apresentado propõe-se como banda sonora para o filme em produção e, em sintonia com o conceito do projeto *Debaixo do Vulcão*, será simultaneamente um objecto autónomo e um fragmento da totalidade do projeto. Deste mesmo modo, *Morte sem fim*, como evento autónomo terá também como complemento



os petiscos tradicionais e bebidas características de uma festa de vila servidas numa caravana. Sobre esta caravana encontra-se a enigmática frase “No se puede vivir sin amar.” Um elemento, com tom de convite iniciático, que se desvelará com o decorrer do projeto.

Para mais informações junte-se às páginas

<http://www.museuartecontemporanea.pt/>

<https://www.facebook.com/Debaixo-do-Vulc%C3%A3o-1039315052803329/>

Hugo Canoilas (PT)

Hugo Canoilas (1977, Portugal) estudou Artes Plásticas na ESAD em Cladas da Rainha e fez um MA em Pintura no Royal College of Art in London. Vive e trabalha em Viena, Austria. Exposições recentes incluem Amo-te na Boca na Galeria Quadrado Azul, Lisboa; AV Festival em Newcastle (2016), *I'll devour your eyes*, Galerie Andreas Hueber, Vienna, *Someone a long time ago* (2015) na Cooper Gallery in Dundee; *Crocodile*, Autocenter, Berlin; *Arquipélago*, curated by Paulo Mendes at Matadouro, Porto; *Ficarra Contemporary Divan*, Ficarra; *Dromosphere*, Galleria Collicaligreggi, Catania; *Destination Wien* na Kunsthalle Wien todas em 2015. As suas obras forma incluídas em projectos e exposições internacionais como De Appel, Amsterdão, Le Magasin, Grenoble; Bienal de São Paulo; Frankfurter Kunstverein, Culturget, Lisboa e Gulbenkian, Lisboa.

Filipe Felizardo (PT)

Filipe Felizardo (n. 1985, Portugal) trabalha em Lisboa e no Porto. A obra de Felizardo abrange música, texto e imagens, e tem tomado diversas formas, entre as quais álbuns musicais, livros e land art. Felizardo lançou *Guitar Soli for the Moa* and the Frog com as Shhpuma/Clean Feed Records, e *Volume IV – The Invading past and other dissolutions* com a Three:Four Records. Actualmente Felizardo está a preparar o quinto disco musical e um livro com o título *A Conference of Stones and Things Previous*.

SONJA (PT)

Sonja, tem gerido e adicionado solidez como activista e como Dj nos últimos anos em Lisboa. Além da editora que fundou, a LABAREDA, com a qual desenvolve um cuidado trabalho de autor e de registos nada previsíveis, Sonja pertence também à FUNGO, uma plataforma de intervenção cultural e musical, que, juntamente com Just Jaeckin, Citizen Kane e CVLT (Discos Capablanca), tem os seus alicerces no lado mais experimental da electrónica vinda de Lisboa. Faz também parte do painel de *hosts* da Rádio Quântica.

LABAREDA (PT)

Labareda é uma label portuguesa criada em 2014 e com um foco em novas geografias e mapas sonoros. O seu primeiro release, *Xina Eletronica* é uma edição de autor de música eletrónica exclusivamente feita na China. Este trabalho, vem cimentar o manifesto da editora de dar expressão a novas zonas e talentos inusitados. *LABAREDA VOL I* e *LABAREDA VOL II*, o segundo release, é uma compilação dividida em dois volumes e um showcase do trabalho feito a solo e no feminino em Portugal por artistas/produtoras e varia entre o ambient, o drone, o house e o techno. Labareda Radio Emissions é um programa mensal transmitido na Rádio Quântica.

Com o apoio



**MUSEU NACIONAL
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO CHIADO**

Debaixo do Vulcão

Hugo Canoilas

MNAC/SONAE Art Cycles

Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado (MNAC-MC), Lisboa

18 de Novembro de 2016 (inauguração) — 26 de Março de 2017

Debaixo do Vulcão é um projeto artístico onde Hugo Canoilas tenta criar um espaço entre a ideia de filme e exposição através de uma série de intervenções dentro e fora do Museu. Concebidas de modo a problematizar noções várias de exposição, espaço institucional e intervenção pública, os vários fragmentos, que resultarão deste processo de intervenções, serão depois reunidos no MNAC-Museu do Chiado enquanto dispositivo expositivo onde a sua integração com uma série de outros elementos propõe um repensar da experiência contemporânea de noções de espaço, tempo e recepção.

Explorando *Debaixo do Vulcão*, o romance de Malcolm Lowry, e a transcrição da gravação de uma sessão de psicanálise invulgar referida por Jean Paul Sartre com *Endless Killing* (2008), uma obra anterior sua, Canoilas articula a experiência que tem da noção de filme com a sua reflexão de longa data sobre *BLOCO - Experiências in COSMOCOCA 'programa in progress'* (1973-74), uma série de trabalhos de Hélio Oiticica e Neville de Almeida. Esta justaposição de referências, conceitos e fragmentos de ideias expõe um conjunto de processos que constituem a sua obra heterogénea. Canoilas tece assim considerações sobre som, pintura, texto, vídeo, performance e fotografia e o modo como estes operam desde a criação ao empoderamento do espetador como agente sensível e crítico.

A partir desta metodologia livre, Canoilas produz um filme onde contrapõe perspectivas de amor presentes através dos personagens principais do romance de Lowry - Ivone, o Cônsul, e o narrador participante - com a subversão dos papéis do paciente e do médico numa sessão de psicanálise insolita transcrita por Sartre. Para o artista a distância entre os personagens de Ivone e o Cônsul, uma distância que parece permanecer quase intacta no decorrer do romance, é de particular interesse dada a sua natureza errante entre aproximação e distância. Ao cerzir uma



pintura sua de 2008 nesta malha fílmica, Canoilas transpõe também as questões das distâncias intransponíveis e da reversibilidade de papéis para a relação entre o artista e o espectador. A instalação da pintura panorâmica de 100 metros, *Endless Killing*, numa pedreira em Negrais transforma este trabalho anterior numa parte do cenário e do enredo para um dos fragmentos dos filmes que está a produzir. Sujeito ao ato de ser filmada, a pintura que aborda a história da violência através de uma história da pintura é transformada em algo possivelmente capaz de guiar o espectador pela perspectiva que o artista tem da relação entre fragmentos, imagens, textos, superfícies e tempo, e o modo como estes determinam a experiência vivida contemporânea.

Junta assim referências pessoais, filosóficas e de história de arte num processo que combina múltiplos eventos que serão traduzidos numa série de filmes, pinturas e sons a serem reunidos no MNAC-Museu do Chiado em Novembro enquanto dispositivo expositivo. Este repensar do formato exposição capaz de reunir uma heterogeneidade de elementos pretende criar um ambiente que faz exigências ao raciocínio, memórias e corpos do espectador de modo a que o projeto se reconfigure como um movimento espiral onde a repetição contínua de variados elementos ativa breves memórias e pequenas percepções.

Debaixo do Vulcão será acompanhado por um catálogo bilingue com o design gráfico a cargo dos VivóEusébio e um programa de conversas, performances, e apresentações planeadas como parte integrante da estratégia de colaboração concebida para a produção do projeto assim como as atividades pedagógicas que lhe estão associadas.

A exposição é comissariada por Emília Tavares, curadora do MNAC-Museu do Chiado, e pertence à iniciativa MNAC / SONAE Art Cycles que integra o mecenato Sonae dedicado ao MNAC- Museu do Chiado.



MNAC / SONAE Art Cycles

O MNAC / SONAE Art Cycles permite aos artistas selecionados o desenvolvimento de trabalhos que possam constituir uma resposta contemporânea das relações da realidade com a história. Esse olhar pode ser documental, poético, virtual ou visionário, mas pretende-se que possa também aprofundar a identidade que herdámos e as identidades que pretendemos construir.

O projeto culmina com uma exposição pública no MNAC sendo uma iniciativa que integra o acordo de parceria celebrado entre a Sonae e o MNAC-MC e enquadra-se na política de responsabilidade corporativa da Sonae. Decorrentes da política de responsabilidade corporativa da Sonae, estas iniciativas têm como objetivo último aproximar a arte das comunidades como modo de contribuir para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

MNAC- Museu do Chiado

O Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC-Museu do Chiado) tem sido uma instituição pioneira na sua dedicação ao acompanhamento dos desenvolvimentos da arte contemporânea. O Museu foi estabelecido em 1911 na altura em que o Museu Nacional de Belas Artes foi dividido para criar o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu Nacional de Arte Contemporânea. A coleção do Museu anterior também foi dividida em duas, ficando as obras produzidas até 1850 como coleção do Museu de Arte Antiga situado no Palácio das Janelas Verdes e as obras produzidas posteriormente vinculadas ao Museu de Arte Contemporânea alojado temporariamente no Convento de São Francisco. Localizado próximo da Academia de Belas Artes e estabelecido para salvaguardar e expor arte Portuguesa de 1850 em diante. No final do século 20 desenvolveu-se um meticuloso processo de requalificação que contou com a renovação dos seus espaços segundo um projeto do arquiteto Francês Jean-Michel Wilmotte, oferecido pelo governo Francês, e a atualização da programação e políticas de coleção, pesquisa e publicação. O Museu emerge então como MNAC-Museu do Chiado e desde então a sua missão tem-se concentrado sobre a pesquisa e apresentação da coleção existente, dos artistas e períodos históricos nela representados, assim como à aquisição de novas tipologias de modo a que a coleção possa acompanhar as práticas artísticas atuais. Com a ampliação dos espaços do Museu até às instalações na Rua Capelo o MNAC-Museu do Chiado continuará a desenvolver o seu legado histórico e a assegurar que a sua coleção, a única coleção pública de arte Portuguesa de 1850 até à atualidade, mantenha a sua relevância para os artistas e públicos do século 21.

